



11 DE JUNHO

RIACHUELO: UMA BATALHA POLEMICA?

Alocução preparada pelo Capitão de Mar e Guerra (Ref) Francisco Eduardo Alves de Almeida*, por ocasião da comemoração dos 155 anos da Batalha Naval do Riachuelo e 136 anos do Clube Naval. Infelizmente, este tradicional e tão aguardado evento não pôde ser realizado devido às medidas preventivas contra a disseminação da Covid-19.

Foi com muita alegria e honra que recebi o convite para proferir algumas palavras na Sessão Magna comemorativa à Batalha Naval do Riachuelo ocorrida há 155 anos, em 1865.

Por ocasião do convite, fui contatado pelo Diretor Cultural do Clube Naval, Almirante Nigro, que me solicitou abordar o tema sem detalhar questões táticas e estratégicas, já do conhecimento da maioria dos presentes. Sendo eu oficial de Marinha, proveniente, com muito orgulho, de Villegagnon, mas também historiador formado pelos bancos do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Largo de São Francisco, poderia tratar da batalha com uma visão militar, mas também centrada em aspectos historiográficos.

Dessa maneira, senti-me não só honrado, como também feliz, em poder discutir alguns aspectos desse acontecimento em nossa História que foi a Batalha Naval mais importante em que a Marinha Imperial se viu envolvida naquela manhã de 11 de Junho de 1865.

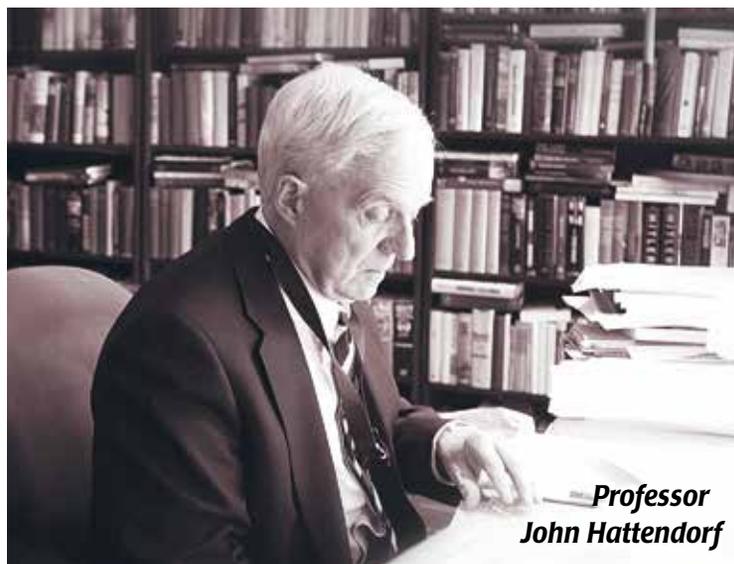
Gostaria, inicialmente, de fazer algumas considerações sobre o estatuto da própria História Naval e de seu campo de atuação, tentando enquadrar não só o evento militar ocorrido no passado, a batalha naval, em uma dimensão histórica particular, a História Política,

como também inserida em uma abordagem específica em relação ao campo de observação que escolhi, a chamada Micro-História.

Antes de qualquer análise mais aprofundada devemos incursionar no campo da Teoria da História para podermos homogeneizar o nosso pensamento. Inicialmente, seria importante distinguir a História Marítima da História Naval. Embora possam figurar no mesmo campo de atividades, elas não são coincidentes.

A primeira, a História Marítima, investiga particularmente os campos ligados à ciência, à tecnologia, à cartografia, à indústria, à economia, ao comércio, à política marítima, às relações internacionais envolvendo o mar, ao desenvolvimento organizacional e institucional marítimo, às comunicações, à migração conectada com o mar, ao estudo das leis marítimas, aos assuntos sociais ligados ao mar, à liderança política com foco no campo marítimo, à ética marítima, à arte ligada ao mar e à literatura naval. Observamos que o campo de atuação da História Marítima é vasto e multifacetado, abarcando questões não necessariamente militares.

O professor John Hattendorf, da Escola de Guerra Naval norte-americana, define História Naval, um subgrupo da História Marítima, como sendo a História que envolve especificamente o estudo e análise dos



*Professor
John Hattendorf*

modos como os governos organizam e empregam a força no mar para atingir os seus objetivos nacionais. Um dos grandes historiadores navais do século XX, o Almirante britânico Sir Herbert William Richmond, professor da Universidade de Cambridge, personalidade fascinante que tem atraído minha atenção nos últimos anos, assim descreveu em 1939 o que interessaria à História Naval:

“A História Naval inclui os “porquês” da estratégia em todas as suas fases, da esfera política até a tática de esquadras e esquadrões. Inclui também os “como” e não menos importantes os “porquês” dos sucessos e fracassos. Ela abarca todos os elementos da diplomacia: o relacionamento da economia e o comércio, das leis internacionais e neutralidade, de posicionamentos em combate, dos princípios e da administração da conduta da guerra, da natureza das armas e da questão das personalidades envolvidas nas decisões”.

Assim os historiadores navais se debruçam sobre a condução da manobra de crise e da guerra no mar. Seus instrumentos de trabalho, os documentos, os indícios, a oralidade, as memórias, as cartas, enfim toda a sorte de fontes chamadas “primárias”, não excluindo as “secundárias” com novas interpretações.

Dessa forma, a História Naval está inserida na História Marítima. Por sua vez inclui-se também na História Militar, dentro da dimensão História Política. Isso não significa dizer que a História Naval por si só tenha



*Sir Herbert
William Richmond*

independência temática. Longe disso. Sua intercessão com outras dimensões é mais que evidente.

De acordo com o professor José D’Assunção Barros, que foi de minha banca de doutorado na UFRJ, o campo de observação do agente histórico, dentro do aspecto abordagem, pode também comportar a História Imediata, a História Local, a Regional, a História Quantitativa, a Biografia Histórica e, por fim, a Micro-História. A História Naval trafega com desenvoltura em todas essas abordagens.

A Micro-História, por exemplo, abordagem por mim escolhida para descrever a Batalha Naval do Riachuelo, é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos. O que pretendo discorrer é a trajetória de determinados atores dentro do embate naval, suas percepções, anseios, temores e comportamentos. Não pretendo biografar nenhum personagem durante a batalha, mas sim perceber as suas reações em um momento de grande tensão psicológica, em especial na fase final do combate naval em Riachuelo, meu campo principal de observação.

O que pretendo transmitir aos senhores, com essa minha exposição, é uma visão particular de alguns combatentes envolvidos na ação naval sob a lente de um microscópio e não de um telescópio. Estarei fugindo da grande narrativa épica da batalha? Certamente.

Alguns notáveis historiadores navais do passado não muito distante já tiveram a coragem, clareza e o tirocinio de focar a Batalha Naval do Riachuelo sob o ponto de vista tático e estratégico. Cito o decano dos historiadores navais brasileiros, Almirante Hélio Leôncio Martins, orgulho de nossa História Naval e de nossa Marinha. A ele quero particularmente prestar uma homenagem especial. Sua personalidade cativante e jovial, aliada a sua fina erudição, nos brindou com excelente História Naval. Ao mestre de todos nós, Almirante Leôncio, rendo minha modesta homenagem. A sua falta é por nós muito sentida.

Outro historiador que discutiu essa batalha em detalhes foi meu ex-professor de História da Escola Naval, Comandante Professor Doutor Antonio Luiz Porto e Albuquerque, exemplo de dedicação ao magistério e incentivador para que eu prosseguisse nos estudos históricos universitários, falecido recentemente, uma perda muito sentida também. Enfim, grandes historiadores navais que modestamente reverencio.

Como mencionei, minha abordagem será centrada na parte final da batalha, quando a situação parecia estar decidida a favor da vitória paraguaia, no momento em que o Chefe de Divisão Francisco Manuel Barroso investiu com a proa da Fragata *Amazonas* contra os navios paraguaios e, em questão de minutos, reverteu uma vitória inimiga em uma derrota inesperada e definitiva. Existiram exemplos de batalhas em que tudo indicava uma vitória de determinado contendor, quando algo aconteceu que fez reverter todo o curso do combate, fazendo pender a balança para o outro lado. Na Segunda Guerra Mundial, a batalha de Midway foi um desses exemplos. O Almirante Nagumo, Comandante da Força Naval japonesa em Midway, indeciso sobre o uso de bombas ou torpedos nos aviões de ataque expostos no convés de seus porta-aviões, foi encontrado pelos aviões norte-americanos do Comandante McClusky e, em questão de seis minutos, essa força naval japonesa foi neutralizada, revertendo o curso das ações, até aquele momento favorável aos japoneses. Esse foi o ponto de inflexão de Midway. Durante o combate de Riachuelo as bicadas de Barroso foram o ponto de inflexão dessa batalha. Até aquele momento, perderíamos o confronto para os paraguaios.

Baseei-me para esse texto em documentos históricos e relatos de participantes da batalha e, por meio de seus depoimentos precisos, pude perceber o curso das ações. Menciono particularmente o excelente e raro “Estudo da Batalha de Riachuelo”, do Chefe de Divisão Ignácio Joaquim da Fonseca, editado pela Livraria Lombarts aqui do Rio de Janeiro, em 1883. Vamos então mergulhar na batalha nos seus momentos finais.

A *Amazonas*, seguida da *Beberibe*, *Mearim*, *Araguari*, *Iguatemi* e, por fim, da *Ypiranga*, manobrava abaixo da Ponta de Santa Catarina, único local do rio que oferecia largura suficiente para uma guinada franca pela esquerda (bombordo) e uma profundidade condizente com o maior calado da formatura, o da *Amazonas*, onde se encontrava Barroso, de cerca de 14 pés.

No lado paraguaio, com exceção da *Paraguari*, avariada pela *Parnaíba* e da *Jejuí* encalhada na Ponta Santa Catarina, o restante dos navios ainda mantinha um poder combatente suficientemente poderoso para vencer o embate.

Ao fim da guinada, o Chefe de Divisão Barroso investe em coluna rio acima para auxiliar a *Parnaíba* e atacar os primeiros navios paraguaios a partir de Santa Catarina.

Chegou-se então ao momento culminante da

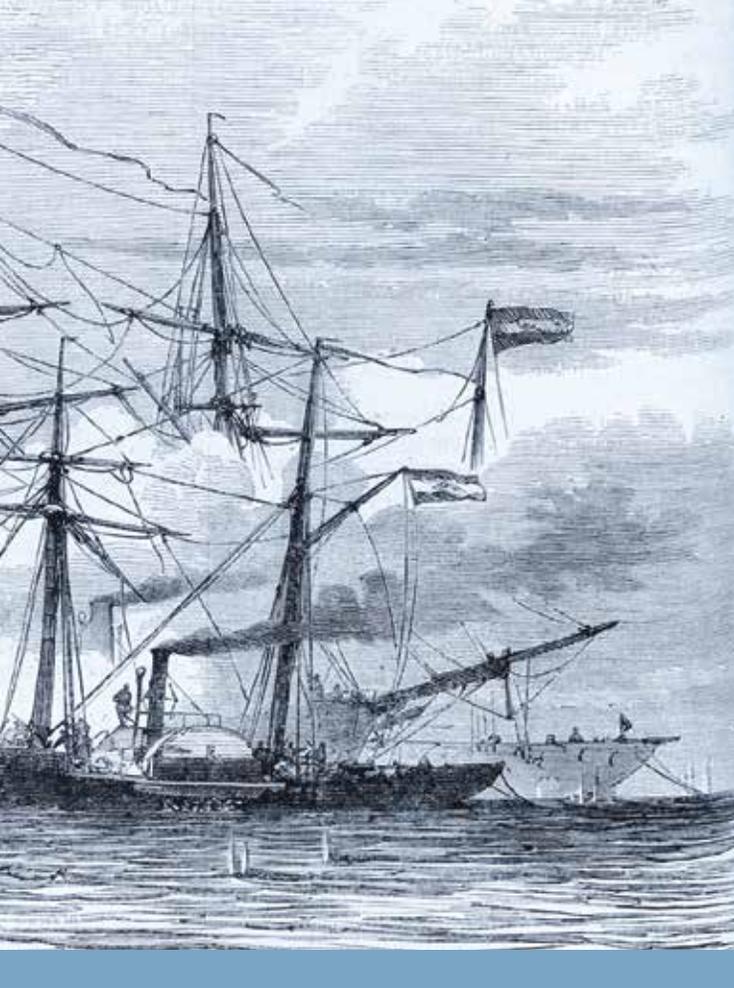
**A Parnaíba
resiste a três vapores paraguaios
durante a Batalha do Riachuelo
(Gravura de Morel-Fatio e Bouier - 1865)**



batalha: a manobra de abalroamento dos navios paraguaios, realizada pela *Amazonas*. Muito se tem discutido a respeito dessa ação de Barroso. Questionamentos, dúvidas, incertezas e muitos erros metodológicos de historiadores estrangeiros.

A manobra iniciou-se com a utilização da *Amazonas* como ariete contra a *Jejuí* que foi posta a pique. Seguiu-se a *Marquês de Olinda* e o *Salto Oriental*, levando de roldão uma chata artilhada. O Comodoro paraguaio Mezza, percebendo a situação se deteriorar rapidamente, desatraca de contrabordo da *Parnaíba* e segue com a *Taquary* para se juntar ao *Igurey*, ao *Pirabebe* e ao *Iporá*. É perseguido na ação pela *Beberibe* e pela *Araguari*. A *Iguatemi*, por outro lado, permaneceu atirando contra as chatas e as fortificações de terra. A *Mearim* foi auxiliar a *Belmonte* encalhada. A *Ypiranga* acompanhou a ação da *Amazonas*, subindo o rio. As cinco chatas inimigas foram todas aprisionadas. A derrota, quase certa, transformou-se em vitória definitiva. Foi por certo o ponto de inflexão desse combate.

Muitos questionamentos surgiram após a batalha sobre de quem teria sido a ideia de se utilizar a proa da *Amazonas* como ariete. Na imprensa imperial diversos foram os questionamentos. Não pretendo repetir os argumentos de todos os três lados envolvidos na discussão.



Um dos lados afirmou que a manobra realizada teve como autor o próprio Barroso. Um outro grupo, ao contrário, imputou ao práctico Bernardino Gustavino e não a Barroso a manobra de abaloamento dos navios inimigos, chegando alguns mais maldosos a declarar que Barroso teria “congelado” durante o combate, fazendo com que Bernardino agisse para evitar o desastre. O dono dessa versão foi George Thompson em seu livro “A Guerra do Paraguai” de 1869, já traduzido para o português. Thompson era um engenheiro inglês que atuava junto ao Exército de Solano Lopez e um memorialista limitado. Por fim, outro grupo afirmou ser Delfim Carlos de Carvalho, o futuro Barão da Passagem, imediato da fragata que depois se distinguiria como Comandante das Forças Navais brasileiras no Paraguai, substituindo seu sogro, o Visconde de Inhaúma.

Outros historiadores mais capacitados já discutiram essa questão a fundo e não pretendo rediscuti-la. O que pretendo é discutir a forma como as fontes foram trabalhadas e os erros metodológicos cometidos, tomando como base os depoimentos daqueles que participaram.

Inicialmente o Primeiro-Tenente Von Hoonholtz, futuro Barão de Tefé, da *Araguari*, assim descreveu a ação de Barroso nesse momento crucial da batalha:

“É notório e desde logo se soube na esquadra que as

bicadas do Amazonas foram ordenadas propositadamente por V.Exa [Barroso] que do alto do passadiço era visto por todos a dar ordens para evoluções do capitânia, com a coragem e sangue frio que nenhum dos combatentes dessa gloriosa jornada poderá jamais esquecer, nem terá nunca a insensatez de negar ou desconhecer no ínclito Chefe Barroso.”

O Comandante da Fragata *Amazonas*, Capitão de Fragata Theotonio Raymundo de Brito, que se encontrava no passadiço ao lado de Barroso declarou:

“Obedecendo às ordens de V.Exa subi o rio acima e fomos abalroando os vapores inimigos, conseguindo inutilizar três e meter a pique uma das chatas. Esta manobra, penso, fez com que todos os vapores inimigos abandonassem o combate e bem assim a gente que guarnecia as chatas.”

O Segundo-Tenente Júlio César de Noronha, futuro Ministro da Marinha de Rodrigues Alves, oficial da *Amazonas*, assim se pronunciou:

“Sempre atribuí a V.Exa a iniciativa da manobra que ocasionou a perda dos vapores paraguaios Jejuy, Salto e Marquês de Olinda....A habilidade não vulgar com que o ilustre almirante Barão do Amazonas soube aproveitar-se do poder resistente da proa de seu navio para acelerar o momento da vitória e infligir sérios desastres ao inimigo, recomenda-o à veneração dos povos do Império e do Prata.”

Outro oficial do navio, o Guarda-Marinha Manoel José Alves Barbosa, presente também no passadiço da Fragata *Amazonas*, foi mais longe ao afirmar que:

“As investidas dadas pelo Amazonas sobre os vapores paraguaios não foram casuais mas sim premeditadas como o plano de ataque concebido por V.Exa a quem sobre o passadiço do navio onde durante toda a ação me achei transmitindo as ordens e sinais para o combate, ouvi mais de uma vez ordenar com insistência ao práctico Bernardino Gustavino que declarasse logo que o navio se achava em posição de poder executar aquela manobra.”

O Primeiro-Tenente Carlos Frederico de Noronha, outro oficial da *Amazonas*, declarou, quando questionado por escrito por Barroso que: **“A iniciativa da manobra que inutilizando os vapores Jejuy, Salto e Marquês de Olinda, tornou a vitória mais decisiva foi de V.Exa, cujo nome a gratidão nacional inscreverá no panteão da História.”**

Outros oficiais fizeram declarações semelhantes confirmando a manobra como de autoria de Barroso. A documentação oficial confirma a manobra como de Barroso. E Bernardino Gustavino? Como foi a sua declaração? Disse ele:

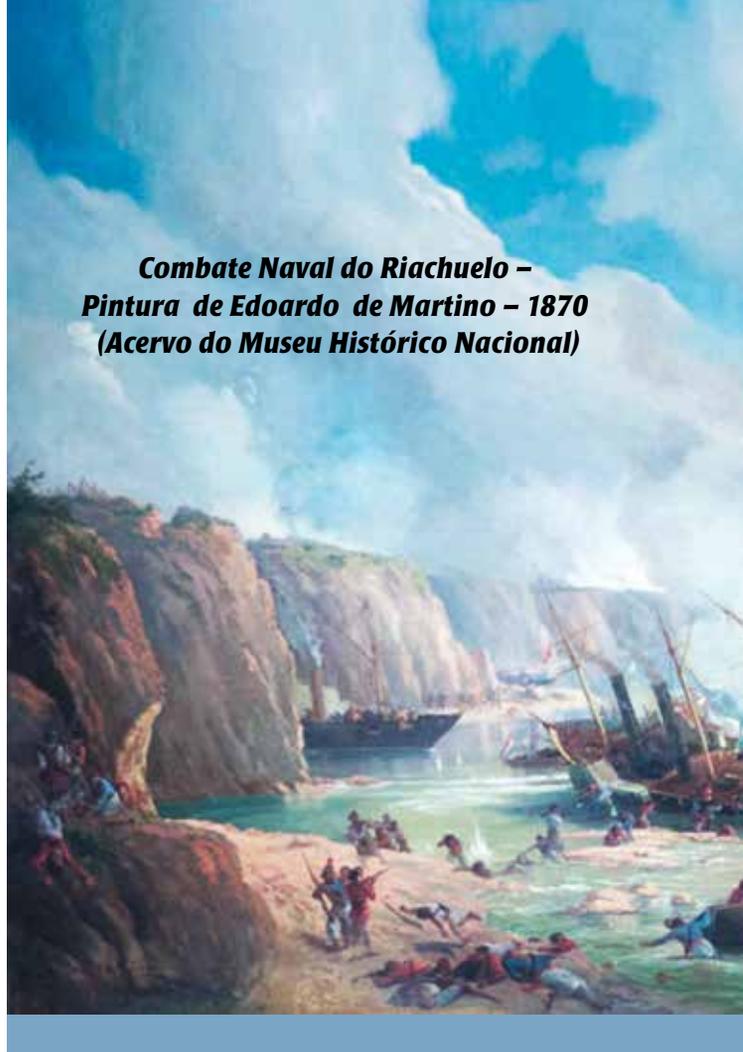
“Que havendo suspendido os navios paraguaios e estando travado o combate entre as duas esquadras, o vapor Amazonas, quando seguira águas acima, encontrara fundeado o vapor paraguaio Jeju e fora sobre ele por iniciativa e ordem do então Chefe de Divisão Francisco Manuel Barroso e isto depois de consultar a ele depoente (Bernardino) se havia água bastante para a Amazonas e obter resposta afirmativa. E que o bom êxito dessa manobra que pôs a pique o dito vapor paraguaio, levara o mesmo chefe a repeti-la contra outros navios inimigos que tiveram a mesma sorte da Jeju.”

Essa declaração de Gustavino foi feita por escrito e assinada na presença de testemunhas: três oficiais superiores e uma praça brasileiros. Mesmo se fosse Gustavino o autor da manobra, a autorização para executá-la sempre é a do Comandante, responsável por tudo o que ocorre de bem ou mal na sua força naval, assim Barroso era o responsável por ela.

Para um analista sem formação histórica, isso seria suficiente para confirmar a autoria da manobra como sendo de Barroso. Entretanto o historiador profissional ainda não ficaria satisfeito com os relatos e o confronto de declarações. Seria necessária a averiguação de quem era aquele Chefe de Divisão que realizou ou não a manobra. Essa investigação seria obrigatória e necessária metodologicamente. Quem era Barroso? Será que ele “congelaria” em uma manobra crítica como alguns detratores, como por exemplo Thompson, alegaram? Vejamos quem foi Barroso.

Nascido em Lisboa em 1804, entrou para a Academia Real de Guardas-Marinha em 1821. Como oficial subalterno lutou na Guerra da Independência, na terrível Guerra da Cisplatina, sempre a bordo de navios da Armada Imperial. Durante a Regência lutou na Revolta da Cabanagem no Pará e na Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul. Foi promovido a Chefe de Divisão em 1856. Comandou a charrua *Carioca*, o brigue *Imperial Pedro*, o patacho *Patagônia* e as Corvetas *Imperial Marinheiro*, *Sete de Abril* e *Bahiana*. Era assim um homem curtido pelas lides marinheiras, com diversos comandos de navios e com ampla experiência de combate, aprendida na Cisplatina e nas costas brasileiras durante as revoltas regenciais. Já comandava a Segunda Divisão em operações de combate no Rio Paraná desde o início da campanha. Muito dificilmente se apavoraria em uma situação de combate pela própria experiência que tinha em ações de guerra. Assim, os relatos parecem corroborar o perfil profissional e psicológico de Barroso. Além do mais, caso ele “congelasse na ação”,

**Combate Naval do Riachuelo –
Pintura de Edoardo de Martino – 1870
(Acervo do Museu Histórico Nacional)**



por certo, mesmo na vitória das armas brasileiras, ele não permaneceria no teatro de operações, pois estaria desmoralizado perante suas tripulações. Não devemos esquecer, não só que continuou comandando a Segunda Divisão, como assumiu posteriormente a função de Chefe de Estado-Maior de Tamandaré. Seria nomeado, por Pedro II, Barão do Amazonas, como reconhecimento aos serviços prestados ao Império. A investigação de George Thompson deve ser descartada como inverossímil e totalmente falsa sob o ponto de vista de uma história que busca a verdade ou pelo menos a verossimilhança. Por certo Thompson deveria ter muitos motivos para desacreditar a vitória brasileira atingindo particularmente o comandante brasileiro, afinal o seu salário era pago por Solano Lopez, sendo o livro publicado ainda durante a vigência da guerra, um motivo para prejudicar o esforço de guerra do Brasil. Thompson não se encontrava no combate e por certo era um mau historiador, procurando “imaginar” fatos que agradassem seu pagador Solano Lopez.

Senhores.

Em poucas palavras esse foi o ponto de inflexão de Riachuelo. Utilizei fontes primárias e procurei



avidamente o confronto de relatos. Não analisei o aspecto estratégico, nem as considerações táticas. Analisei os comentários dos participantes das ações no momento em que elas ocorreram, de forma a apresentar um quadro mais verossímil. Temo muito a palavra “verdade” em História. Prefiro verossimilhança, pois a descoberta de novos documentos poderá alterar totalmente a interpretação e a “verdade corrente”.

Procurei assim utilizar a abordagem micro-histórica como ferramenta de meu campo de observação. Não tive a pretensão e nem a competência de seguir os passos do ilustre professor Carlo Ginsburg, um dos mestres da Micro-História. Esse conhecido mestre italiano em seu livro vibrante *O Queijo e os Vermes* conseguiu retratar, por meio de textos processuais da Inquisição contra o moleiro Menocchio no século XVI, todo um arcabouço do cotidiano e das ideias que permeavam o universo que o circundava. Os relatos do próprio Menocchio ajudaram nessa compreensão.

O que a Micro-História pretende é a redução na escala de observação do historiador de modo a perceber aspectos que passariam despercebidos. O que tentei configurar foram as diferentes visões de um momento

crucial na batalha e por quem ele foi idealizado.

A História não pode ser percebida apenas como documentação escrita. História é mais que apenas o documento formal. Os relatos dos protagonistas são fundamentais e devem ser confrontados entre si e em relação aos resultados finais da ação histórica analisada para se chegar a uma conclusão.

A Batalha Naval do Riachuelo, como fato histórico, continuará sempre a despertar o interesse dos historiadores navais. Ela será sempre discutida com novas abordagens. Foi isso que tentei fazer com esse breve relato micro-histórico. Compete ao historiador perceber essas tendências e procurar, na medida do possível, separar o que para ele tem pertinência e o que não tem.

Aí está exatamente a beleza da História.

Termino o meu relato com partes de um poema da conhecida poetisa do século XIX Adélia Josefina de Castro Fonseca, esposa do Chefe de Divisão Inácio Joaquim da Fonseca, autor do *Estudo sobre a Batalha do Riachuelo* sobre a vitória brasileira, publicado no periódico *Bazar Volante* aqui do Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1865, cujas estrofes são as seguintes:

***Contempla ufano o teu audaz Barroso
Esse famoso, endeusado herói
Que desprezando do inimigo a sanha
Com força estranha seu poder destrói
Choras a Marcílio Dias
Esse intrépido soldado
Que sucumbiu denodado
Numa luta desigual
Choras, por que ainda julgas
Ouvir de heroísmo o grito
Que o teu raro Benedito
Soltou na hora final
De Riachuelo as vitórias são feitos de armas
São glórias que te devem consolar
A esses teus filhos caros
A esses mártires santos
Sufrágios em vez de prantos
Rende ó pátria aos pés do altar.***

Muito obrigado. ■

* Graduado, Mestre e Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui o pós-doutoramento pela Universidade de Lisboa. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval.